

Dois depoimentos sobre

Jorge Luis Borges

Uma escritora argentina e um escritor brasileiro
falam da importância do autor de *Ficções*

Borges segundo

Noemí Ulla

A escrita de Borges impregna boa parte da literatura argentina atual. Todos herdamos sua marca inconfundível: ela é perceptível em nossa sintaxe, em nossa entonação. Dizer que os meios de comunicação influem sobre a escrita de um determinado autor é bastante comum; os discursos sociais nos penetram e atuam sobre nosso próprio discurso de forma insuspeitável. O que não podemos suspeitar imediatamente é o contrário, que a escrita de um autor — não de vários autores — atravessa os discursos sociais, não só literários, mas os mais diversos, até os periodísticos (para dar um claro exemplo: a revista "Primeira Plana" dos anos sessenta). Pois bem, essa é hoje a particularidade de Borges.

Não me é fácil escrever sobre alguém de quem se disse tudo. Vejo cumprido na escrita de Borges um juvenil desejo seu, que vem se dar quase prodigiosamente. Ele falava — e escrevia —, em sua mocidade literária, em alcançar uma prosa conversada como a de nossos maiores, como Sarmiento, Mansilla, Eduardo Wilde, Echeverría. Creio que a alcançou. Ainda que eu prefira sem duvidar e de forma talvez caprichosa os contos que reúne *El Aleph*, percebo em seus últimos textos as pausas de sua respiração, o "corpo" de sua voz, algo semelhante ao que com seu primeiro conto quis fazer em homenagem a Nicolás Paredes — "Homem da Esquina Rosada" —, texto que Borges logo olvidou voluntariamente. Penso que hoje que seu talento e sua prática lhe deram essa mestria que o mundo inteiro lhe reconhece, ele elabora uma escrita que se assemelha, em difícil simplicidade, a sua voz. Desde *O Informe do Brodie*, talvez desde que sua cegueira lhe foi impondo o ditar de seus textos, Borges se converteu, sem querer, naquela entonação de nossos maiores. Basta ler *Sete Noites* para refletir que o saber de Borges se transformou na conversada sabedoria de Borges. É tanto o que

sua escrita disseminou no mundo, que seríamos redundantes em dar-lhe outra ênfase.

Borges segundo Silviano Santiago

Já tinha ouvido falar demais da obra de Borges quando fui lê-la. Não me arrependo de ter deixado correr seis anos entre o primeiro momento da curiosidade e o período das leituras. Muitas vezes os livros que nos caem precocemente às mãos (durante o chamado período de formação, quando não existe um apelo orgânico a ciceronear a curiosidade pelas prateleiras da Biblioteca) não chegam a ter o alcance que merecem. Ficam por tempo indeterminado no limbo da memória à espera da releitura.

Foi por volta de 1959 que ouvi, pela primeira vez, de maneira distinta o nome de Borges. Pronunciou-o Alexandre Eulálio que, na época ou mesmo antes, traduzia alguns contos dele e os publicava na velha revista "Senhor". Depois, entre a França e os Estados Unidos, entre o *nouveau roman* e a *lost generation*, descobri o México e a literatura hispano-americana moderna. Borges não foi o primeiro a chegar. Quando o li, por volta de 1965, já tinha um bom conhecimento do espanhol literário e dos seus contemporâneos. Isso ajudou. E mais me ajudaram algumas conversas que tive com o argentino Luis Mario Schneider, então meu colega de universidade em Nova Jersey.

De imediato Borges me tocou pela maneira luminosa como articula vivência e saber. Alguns autores nos trazem o enclausurado da vivência e o hedonismo satisfeito de um corpo prazeroso pelo mundo; outros nos trazem o fogo do saber e o gozo luxurriante e perverso do voyeurismo intelectual. Nem sol nem chama, sol e chama Borges é a luz. Luminosa foi a maneira como me ajudou a resolver, pela sua ficção, problemas de alcance teórico que as

melhores teorias (os melhores teóricos que lia) deixavam sepultadas para todo o sempre. Daquela época e leitura é que me veio uma desconflança (frutífera) com relação à contribuição que o pensamento ocidental pode trazer para o melhor conhecimento do Novo Mundo. Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparado (ou estava me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impeliam para o irracional. Não fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetiche do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetiche imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores.

Foi dessa forma que Borges me descobriu e começou a alimentar alguns dos meus textos que não sei como teriam crescido se ele não tivesse me descoberto. Hoje não imagino o que pertence a ele e o que pertence a mim. Mais importante: Borges me disse que não precisava ter vergonha de ser leitor, que os livros não são propriedade privada. Somos todos, em arte e artes, grileiros. Mas já aí estaria em sombrios invernos da década de 70 em meio a grandes depressões. Precisei de novo pedir coragem a ele, coragem para pôr no papel a idéia luminosa (a quem pertence o adjetivo?) de *Em Liberdade*.

NOEMÍ ULLA é narradora ("Urú-dumbrá", romance, "Cidades", contos) e ensaísta ("Tango, Sábalo y Nostalgia" e "Encuentros con Silviano Santiago").

SILVIANO SANTIAGO é romancista ("Em Liberdade"), ensaísta ("Carlos Drummond de Andrade", "Uma Literatura nos Trópicos", "Vale Quanto Fosse") e professor de Literatura Brasileira na PUC-RJ.

Nesta Edição:

"Dois depoimentos sobre Jorge Luis Borges"	2
"Jorge Luis Borges: autobiografia apócrifa", organizada por Raúl Antelo	3
"A heráldica de Borges", por Ricardo Piglia	6
"O Golem": Borges e a cabala", por Zipora Rubinstein	8
"Sobre O Livro dos Seres Imaginários", por Flávio Loureiro Chaves	10
"Tradição e traição: Borges e Stevenson", por Daniel Balderston	11
"Poemas" de Jorge Luis Borges	12

FOLHETIM



1984

Um suplemento de

FOLHA DE S. PAULO

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o espírito deste jornal.